



# BOLETIM - PROJETO DE APOIO PSICOLÓGICO ONLINE DO IPUSP

**Sobre o projeto:** O projeto de apoio psicológico online do IPUSP é um serviço on-line de apoio psicológico para ajudar as pessoas a atravessarem este momento de pandemia do COVID-19.

**Quer saber mais? Quer participar?** Acesse o pdf anexo e [clique aqui](#)

**Conhece alguém da comunidade USP que está precisando de ajuda?** Compartilhe o link abaixo:

<https://bit.ly/2LaXTaR>

## NÚMEROS DO PROJETO

Clientes:

**247** em atendimento

**209** registros finalizados

Colaboradores de atendimento online

**80** habilitados

Última checagem 10/05 (desde 02/04)

## PÍLULA LITERÁRIA

### Silêncio

A experiência da pandemia tem trazido momentos de muito silêncio e há algo do silêncio que esse momento nos convida a ressignificar. Algo que, talvez, nunca tenhamos exatamente conseguido significar, pra começo de conversa.

E isso não é um problema. É só que para o ser humano, animal de tantas palavras, é no mínimo curioso que silêncio seja justamente aquilo que parece sempre conseguir deslizar pela tangente de quaisquer estratégias léxicos que busquemos para explicá-lo.

Pois, vejamos, há quem diga que o silêncio, se soubermos ouvi-lo, é a maior fonte comunicativa possível e, portanto, qualquer silêncio é um falso silêncio. Ou quem diga que o silêncio é a madrugada numa rua calma: lugar onde tudo está suspenso, na expectativa de um novo algo que está por vir. Mas há ainda aqueles para quem o silêncio é nada e, por ser nada, é insustentável. Qualquer silêncio passa então a ser um falso silêncio, não porque ele nos diz algo, mas porque somos incapazes de não tentar, nós mesmos, preenchê-lo com qualquer esboço de coisa que possa nos dizer algo.

Hoje, quando nos deparamos com o silêncio daqueles que estão longe, presentes apenas pelo meio virtual, dos quais nem mesmo os sons do silêncio e da respiração conseguimos ouvir, ficamos naquele receio que nos dá caras de ponto de interrogação. Quando parecemos não poder mais chamá-lo por nenhuma dessas coisas, o que fazemos então com esse silêncio que nunca ninguém nos ensinou a ouvir?

“

*Escuto mas não sei  
Se o que ouço é silêncio  
Ou deus*

**Sophia de Mello  
Breyner Andresen**

*E todo o silêncio é uma música em estado  
de gravidez.  
Quando me viam, parado e recatado, no  
meu invisível recanto, eu não estava  
pasmado. Estava desempenhado, de  
alma e corpo ocupados: tecia os  
delicados fios com que se fabrica a  
quietude. Eu era um afinador de silêncios*

**Mia Couto**

”

*Não é possível amizade  
quando os dois silêncios  
não se combinam”*

**Mário Quintana**

## A QUEBRA DO SILÊNCIO E O POTENCIAL ALÉM DA FALA

### Uma conversa com Henriette Morato e Julia Puglia

Pensando sobre as angústias que podem ser geradas pelo silêncio, principalmente o silêncio daqueles que se inscrevem no serviço mas não respondem quando o colaborador entra em contato, tivemos também uma conversa com a professora Henriette Morato e com a psicóloga Juliana Puglia sobre a possibilidade da própria inscrição no projeto ajudar a dar um contorno às angústias. O registro das queixas e o endereçamento, colocar a mensagem no mundo, pode ser em algum nível suficiente. Talvez isto possa explicar de alguma forma a dificuldade de entrar em contato com algumas pessoas que se inscrevem no serviço. Será que quando o cliente escreve, ele pode em ato perceber por que está sendo trazido e ressignificar seu pedido?

Ainda é necessário lembrar que o próprio fato do serviço estar disponível e de ser ele quem chega às pessoas influencia em como as demandas aparecem. O movimentar-se fisicamente até uma instituição atrás de um serviço diz sobre a disponibilidade de quem o procura? A “facilidade” de ter um serviço disponível na pandemia pode fazer com que as pessoas o procurem por “prevenção”?

É possível levantar diversas questões sobre quais as demandas que chegam ao projeto e como elas têm aparecido nos atendimentos. Talvez também seja importante refletir sobre o fato de que as pessoas que mais têm permanecido no atendimento são aquelas que apresentam questões anteriores ao isolamento e que parecem ter sido afloradas neste contexto pandêmico, nestes casos o atendimento pontual pode se oferecer como um momento importante de escuta e acolhimento.

## PRÓXIMAS SUPERVISÕES

Segunda, dia 11/05, às 16h | Belinda Mandelbaum

Terça, dia 12/05, às 18h | Henriette Morato e Pedro Milanesi

Quarta, dia 13/05, às 18h | Pedro Milanesi e Fernanda Nardoni

Quinta, dia 14/05, às 08h45 | Heloísa Aun e Paula Fonseca

OBS: Somente para participantes do projeto

## PRÓXIMAS ATIVIDADES



Aula com a professora Belinda Mandelbaum, dia 12/05 às 10h

Tema: “Família, violência e trauma em tempos de pandemia”

OBS: Por enquanto as aulas serão ministradas para os colaboradores do projeto. Posteriormente, compartilharemos o vídeo das aulas para o IPUSP

## PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM CLINICAR EM PANDEMIA

### Principais pontos do encontro

Neste sábado, dia 09/05 tivemos mais uma aula online, com a professora Henriette Morato e a psicóloga Heloísa Aun, colaboradoras do projeto. A aula teve o intuito de trazer aos colaboradores reflexões sobre o que é o atendimento de plantão e como ele se dá neste projeto e nesta época que estamos vivendo, em um mundo novo, onde muitas referências foram mudadas ou perdidas e os próprios psicólogos colaboradores também se deparam com tamanha incerteza causada pela pandemia. Neste momento, o plantão se mostra como uma oportunidade de encontro no qual o profissional se permite estar com o cliente, e neste encontro, se reinventar. É a possibilidade de encontrar-se diferente quando tudo é igual, dando um espaço para si, onde o psicólogo se propõe a ouvir e ser testemunha de um outro que diz de si próprio, além de se ouvir e ouvir como o que vem do outro reflete nele mesmo. O psicólogo pode ser entendido, assim, como um profissional do encontro.

De maneira didática pode-se dizer que em geral o cliente chega de três modos, através de um pedido, uma queixa, ou uma demanda. E o plantonista pode ver este pedido como um querer, a queixa como algo que pode vir, a demanda como a necessidade, o precisar. E a partir do encontro, o psicólogo

consegue identificar o que está vindo. A partir dos encontros abrem-se novas possibilidades, outros caminhos para serem trilhados. E no inesperado do encontro, por vezes surge o desconforto. O que é dito sobre nós quando nos colocamos na frente de um outro e nos deixamos afetar por ele? Não há como dizer do outro, sem dizer de si. O plantão se oferece assim como uma oportunidade de nos revermos como humanos. Ser plantonista é viver da experiência e o sentido de ser psicólogo é ter o cuidado de ser quem se é. E o cuidado com o outro se dá com o reencontrá-lo para o sentido de cuidar de si. Para isso é necessário prestar atenção em “como” o outro chega ao plantão e não “no quê” chega.